

Política

— CONSTITUINTE —

Foi um dia de declarações conciliatórias sobre as futuras relações entre o governo e o PMDB. Enquanto Ulysses, governadores e ministros diziam que os episódios da semana não implicam em rompimento, Sarney afirmava que ele e Ulysses estão de acordo "no essencial". E completava:

“Este país não está em luta”

O dia de ontem foi marcado por declarações conciliatórias sobre o confronto entre o governo e o PMDB, a começar pelo próprio presidente José Sarney que, em seu programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio" disse que os acontecimentos da semana serviram para demonstrar o quadro de normalidade democrática em que vive o País, acrescentando que se os pronunciamentos feitos por ele na terça-feira, e por Ulysses Guimarães, na quarta, apresentaram argumentos diferentes, "no essencial" estavam de acordo, "pois como disse o deputado Ulysses Guimarães, o texto constitucional em votação contém imperfeições que precisam ser corrigidas". "Este país não está em luta, está praticando a democracia", afirmou Sarney.

Por seu lado, Ulysses tentou minimizar a importância política das demissões dos três ministros a ele ligados, dizendo ser "um fato comum que pode acontecer com qualquer um" e que o PMDB vai continuar atuando como atuou até agora. "Não quero que vocês (os jornalistas) me separem dos outros ministros, que continuam servindo ao governo, mas que também são ligados ao partido e merecem meu respeito", acrescentou.

As posições de Sarney e Ulysses são reforçadas pelo líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, que acredita que os dois não estão afastados: "Ambos têm consciência da importância da relação dos dois para a estabilidade do processo político. Sant'Anna situa a crise ministerial em um episódio político que não deve ser analisado separadamente e diz que não se deve esquecer que Sarney e Ulysses são "pilares de sustentação da transição democrática".

Já para o líder do PMDB na Câmara, deputado Ibsen Pinheiro, "é cada vez mais claro o processo de distanciamento entre o partido e o governo, que começou quando da mudança da política econômica e se agravou nos últimos dias, com o conflito que atingiu o cerne do principal compromisso partidário: a Constituinte".

Ministros

O ministro da Justiça, Paulo Brossard, disse ontem, em Porto Alegre, que a demissão dos ministros ligados ao deputado Ulysses Guimarães não representa a existência de um confronto entre ele e o presidente Sarney: "O relacionamento entre os dois presidentes sempre foi o melhor possível, e continua sendo".



Sarney, Archer e Barbalho, na posse.

Esta opinião não é compartilhada por outro ministro, o do Trabalho, Almir Pazzianotto, que reconheceu as difíceis relações entre o seu partido e o governo a que serve, mas ressaltou que um rompimento não deverá se efetivar, "pois não interessa a nenhum dos lados".

Pazzianotto e o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, deram ontem declarações semelhantes: para eles, a tática de Ulysses tem consistido sempre em "assumir um colorido oposicionista, mas com um pé dentro do governo".

Otávio Moreira Lima, ministro da Aeronáutica, considerou ontem, em Belém, como naturais as divergências políticas que levaram esta semana à saída de três ministros do governo Sarney. Ele não acredita que exista uma crise entre a Assembleia Nacional Constituinte e o governo.

Governadores

O governador Miguel Arraes, de Pernambuco, não se assustou, nem se empolgou com nenhum dos lances mais recentes da política brasileira. Ao contrário de muitos, ele não viu com euforia a resposta que o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, deu ao pronunciamento do presidente José Sarney na TV: "Ulysses não abordou o tema central que é o direciona-

mento econômico", disse Arraes.

Afirmando que a crise não passa de uma "pequena turbulência" e que a fala de Sarney não foi um "desrespeito à Constituinte", o governador do Paraná, Álvaro Dias, disse que o "propalado desentendimento entre Sarney e Ulysses é lazer, diversão. O grave é a crise econômica, essa sim de desesperar", acrescentando que o importante agora é o entendimento que resolva essa situação.

Para o governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, "o presidente Sarney tinha todo o direito de manifestar suas preocupações quanto aos projetos que considera negativos da Constituinte. E o deputado Ulysses Guimarães falou pela Constituinte, sem que isso represente, no entanto, uma posição de confronto entre os dois poderes", ressaltando, porém, que o PMDB deve dar "força total" a Sarney, para que ele faça "um bom governo".

Otimista, o governador do Distrito Federal, José Aparecido, confia na vivência e experiência política de Ulysses para que não conduza, de fato, o PMDB a um afastamento definitivo com o governo Sarney, mesmo reconhecendo que a saída dos três ministros terá repercussões sérias para o governo.



Ulysses foi à transmissão de cargo na Previdência

Fotos: Profissão Nême